

No início do envelhecimento

Guillermo Julio Montero¹

Antes de começar, gostaria de agradecer à minha colega e amiga Maria Cristina Reis Amendoeira (MCRA) por me convidar para comentar seu trabalho. Gostaria também de expressar minha gratidão à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), com a qual tenho estado ligado por amizade, intercâmbio e publicações compartilhadas por muitos anos.

O trabalho da MCRA tem a consistência de uma busca que a habita há décadas. Ela iniciou suas pesquisas sobre o tema do envelhecimento há muito tempo, algo que torna evidente uma coerência e um propósito surpreendente por sua insistência lúcida.

Tive a sorte de encontrar a MCRA trabalhando com ela no Comitê de Envelhecimento de Pacientes e Analistas da IPA (IPA's Committee: Psychoanalytic Perspectives on Aging of Patients and Analysts), em que pudemos compartilhar um painel no Congresso de Londres em 2019. MCRA, anteriormente, também havia apresentado suas ideias em 2018 no Congresso Interno da Fundação Travesia, que eu presido. Finalmente, ela foi generosa o suficiente para nos convidar a fazer parte do encontro compartilhado entre a Fundação Travesia e a SBPRJ, evento que ocorreu em 2019, poucos meses antes do surto da pandemia que chocou nossa vida e nossa atividade.

Eu só acho que sou a pessoa certa para comentar um trabalho como o de MCRA – dedicado ao processo de envelhecimento – porque estou envolvido há muitos anos no estudo do início do envelhecimento – esse processo que foi chamado com pouca precisão de “meia-idade da vida” e que eu preferi chamar “maturescência” – um fenômeno psicológico que ocorre em torno do climatério masculino e feminino por volta dos cinquenta anos de idade.

1. Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica Argentina, Chair do comitê Perspectivas do Envelhecimento da IPA, presidente da Fundação Travesia e autor de diversos livros.

De fato, a maturação é responsável pelo início real da meia-idade, pois exige uma medida de trabalho psíquico que precisa ser resolvida urgentemente com base nos sinais inconfundíveis do início do envelhecimento somático. A resolução deste processo inicia o que eu chamo de autêntico envelhecimento, algo que será sempre moldado pela própria história de vida, identificações (eu ideal e ideal do eu), modalidades defensivas e conflitos predominantes etc., como também pode ser observado nas considerações da MCRA.

Mas a primeira coisa que vem à mente, para começar, é o popular provérbio “cada indivíduo envelhece como viveu”. Esta ideia assume que se uma pessoa viveu satisfatoriamente, ela envelhecerá da mesma maneira; enquanto que, se viveu em insatisfação, provavelmente envelhecerá em frustração e irritação. A intuição que aparece neste provérbio popular é muito marcante, pois reconhece que cada história de vida promove seu estilo próprio, individual e diferente de envelhecimento. Se colocássemos a frase na primeira pessoa, ela diria: “eu envelheço de acordo com minha própria história de vida”, algo que neste caso também inclui uma perspectiva psicanalítica de compreensão, uma coincidência muito rara com estes provérbios, que muitas vezes estão muito comprometidos com o que é chamado de “senso comum”, um posicionamento que muitas vezes está nos antípodas do pensamento psicanalítico.

Da perspectiva de que uma pessoa envelhece em sintonia com a forma como viveu, eu gostaria de levantar outra das verdades que me parecem importantes para a consideração do envelhecimento, porque, psicanaliticamente falando, os anos vividos não são a verdadeira medida do envelhecimento, talvez nem a mais transcendente. Isto porque não é tão importante o que os anos fazem com o indivíduo, mas o que o indivíduo faz com os anos. A primeira afirmação, “o que os anos fazem com o indivíduo”, é resistente e insuficiente; enquanto a segunda afirmação, “o que o indivíduo faz com os anos”, muda completamente a perspectiva e nos leva de volta à psicanálise, justamente porque considera, antes de tudo, a singularidade de cada indivíduo, que nós, como psicanalistas, não podemos deixar de ter em mente.

Gostaria também de salientar que existe uma sequência ao longo de todo o ciclo de vida, o que significa que, assim como a saída da adolescência, é determinada por uma reatualização do processamento da separação-individação da infância; assim como a maturação é determinada por uma reatualização do processamento da adolescência; gostaria de acrescentar que o processamento da senescência (ou seja, o final da idade adulta) será determinado pela resolução da reatualização do processamento da maturação característica, algo em que eu gostaria de ser levado muito a sério.

Esta série de reatualizações enfatiza novamente o fato de que, mais importantes do que os anos, são os processos psíquicos que sustentam o curso do ciclo de vida, incluindo aqui o próprio curso do envelhecimento.

Para começar a comentar o trabalho da MCRA, acredito que o psicanalista que pode sustentar a perspectiva evolutiva em etapas que acabo de discutir também estará em condições de aplicar a si mesmo a capacidade analítica que ele usa com seus pacientes. Mas, de passagem, eu também me pergunto: seria possível aplicar a capacidade psicanalítica aos pacientes se não estivéssemos em condições de aplicá-la também a nós mesmos?

Eu também poderia fazer algumas outras perguntas: seria possível ser um psicanalista sem a consideração permanente da finitude da vida, quando precisamente no processo psicanalítico enfrentamos permanentemente a transitoriedade da vida? Podemos sustentar a ideia de que cada indivíduo “aprende” a envelhecer, em que cada pessoa seguirá seu próprio caminho de iniciação e aprendizagem, em vez de considerar o envelhecimento como algo já conhecido de antemão? Pode-se pensar, seguindo MCRA, que a prática psicanalítica é uma atividade terminável ou interminável? Todas estas questões que surgem do trabalho da MCRA geram tensões que nos permitem objetivar a profundidade da pesquisa e a complexidade do assunto.

Nesta perspectiva, parece-me que o problema não surge do processo vital do envelhecimento em si, porque o processo de envelhecimento é um processo normal e esperado, mas surge de algumas dificuldades individuais específicas, que, quando evitam o contato com o paradoxo e a incerteza de viver, irão se intrometer na vida emocional do indivíduo e, se o indivíduo for um psicanalista, acabará por se intrometer no trabalho clínico do psicanalista e na dificuldade de desistir da prática clínica (Montero, 2020).

É por isso que eu gostaria de definir outro aspecto que me parece importante: o “envelhecimento somático” é inexorável e continua seu curso rumo à morte, imperturbável, mas o “envelhecimento psíquico” – de que a psicanálise trata – só existe cada vez que o indivíduo deixa de crescer. Cada pessoa deve se perguntar honestamente se está disposta e é capaz de continuar a crescer, com tudo o que tal disposição coloca em cena. Quero deixar registrado que as ideias de enfrentar o paradoxo e a incerteza da vida podem servir como guia para entender o que quero dizer com “crescimento na alma” (Montero, 2020).

Por esta razão, gostaria de concluir argumentando que, como psicanalistas, não podemos levar em conta uma perspectiva “de fora para dentro” [*from outside in*] (ou seja, “o que os anos fazem com o indivíduo”), mas sim reconhe-

cer uma perspectiva “de dentro para fora” [*from inside out*] (ou seja, “o que o indivíduo faz ao longo dos anos”).

Parece-me que o trabalho de MCRA está profundamente enraizado no pensamento psicanalítico, porque traz um ponto muito lúcido, de que o fato de sermos psicanalistas, de termos nos psicanalisado por muitos anos, de termos estudado o método psicanalítico por décadas, não nos torna diferentes dos outros seres humanos, não nos imuniza do medo, da preocupação, da incerteza – muito especificamente, não impede que a ideia de que a morte seja uma ameaça para nós: não impede que a ideia da morte pessoal nos perturbe – pelo contrário, confirma que somos idênticos aos outros, algo que, a meu ver, agrega valor ao pensamento psicanalítico em si mesmo.

Embora o trabalho com a ideia da própria morte seja um trabalho que ocorre no curso da psicanálise, parece-me que, no final, ele acaba acontecendo consigo mesmo em extrema solidão, em um diálogo com o destino individual que nos obriga a um reconhecimento que não gostaríamos de fazer.

E é precisamente este posicionamento que força a vida e o desejo em direção àqueles destinos humanos que podem ser expressos na profundidade dos laços, no amor, na amizade, na criatividade de múltiplas formas, na valorização da vida cotidiana como fonte incessante de vida, como também expressa MCRA.

É por estas razões que eu sustento que, felizmente, não existe uma resposta geral para a série de perguntas que MCRA lucidamente formula, mas que existem apenas respostas individuais que cada indivíduo pode conquistar para si mesmo na esfera de sua própria subjetividade, como aconteceu e, acredito, continuará a acontecer desde a origem da humanidade com cada ser humano.

Penso então que a psicanálise não deveria ter respostas para o mistério do envelhecimento – incluindo aqui a decisão de parar de trabalhar como psicanalista – , mas apenas propor e facilitar caminhos que permitam a cada indivíduo encontrar sua própria determinação e decisão a este respeito.

Por esta razão, o valor do trabalho da MCRA é enorme porque é uma prova do esforço de alguém que ousa fazer as perguntas que, como psicanalistas que sabemos, não têm, não podem e não devem ter uma resposta *a priori*, porque são as mesmas perguntas que também habitam em nós mesmos e habitarão aqueles que virão depois de nós.

E talvez esta seja a verdadeira resposta: ter a capacidade de tolerar os mistérios da vida com a humildade daqueles que reconhecem que são capazes de continuar surpreendendo a si mesmos todos os dias – tanto com respeito ao paciente quanto ao psicanalista, pois é uma obra da alma que se realiza

igualmente em todos os indivíduos. Acredito que, a partir desta perspectiva, como argumenta MCRA, entrar na velhice pode implicar um processo de crescimento, um novo ato psíquico de um eu que continua a se desenvolver. Muito obrigado à MCRA, e muito obrigado a todos os amigos da SBPRJ.

Referências

Montero, G. J. (2020). *Psychoanalysis of aging and maturation: the concept of maturation*. Londres: Routledge.

Recebido: 18/11/2022

Aceito: 28/11/2022

Guillermo J. Montero

guillermontero@hotmail.com